

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
ESCOLA DE BELAS ARTES  
LICENCIATURA EM TEATRO**

Millena Muniz

**FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DA CULTURA, ESPECTADORES E PÚBLICO  
NO FESTITA: construindo hoje o futuro que queremos**

Belo Horizonte  
2022

Millena Muniz

**FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DA CULTURA, ESPECTADORES E PÚBLICO  
NO FESTITA: construindo hoje o futuro que queremos**

**Versão final**

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de artigo apresentado ao Curso de Graduação em Teatro – Licenciatura – Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção de título de Graduado(a) em Teatro.

Orientador(a): Maria Helena Cunha

Coorientador(a): Heloisa Marina

Belo Horizonte  
2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
[ESCOLA DE BELAS ARTES]  
[DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS]

## FOLHA DE APROVAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
ESCOLA DE BELAS ARTES

MILLENA MUNIZ

Título do trabalho: “Formação de profissionais da cultura, espectadores e público no FESTITA: Construindo hoje o futuro que queremos”

Aprovado em 19/12/2022

---

Maria Helena Melo da Cunha  
Orientador – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

---

Heloisa Marina da Silva  
Orientador – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

---

Felipe Eduardo Lopes da Cunha  
Membro – Atelier de Artes Integradas - (Itabirito)

---

Ricardo Carvalho de Figueiredo  
Membro – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Autorizo a publicação deste trabalho em meios eletrônicos, incluindo a biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais.

Belo Horizonte  
2022



Documento assinado eletronicamente por **Maria Helena Melo da Cunha, Usuário Externo**, em 19/12/2022, às 20:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Heloisa Marina da Silva, Professora do Magistério Superior**, em 19/12/2022, às 23:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ricardo Carvalho de Figueiredo, Professor do Magistério Superior**, em 20/12/2022, às 11:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Felipe Eduardo Lopes da Cunha, Usuário Externo**, em 21/12/2022, às 11:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1971346** e o código CRC **850A87B6**.

---

## **Formação de profissionais da cultura, espectadores e público no FESTITA: Construindo hoje o futuro que queremos**

Millena Muniz<sup>1</sup>  
Maria Helena Cunha<sup>2</sup>  
Heloisa Marina<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo refletir e relatar sobre o FESTITA - Festival de Teatro de Itabirito, tendo como pontos de partida: os estudos sobre a formação dos profissionais da cultura e a formação de espectadores e público. A pesquisa foi realizada por meio de consulta ao acervo do Atelier de Artes Integradas, através de depoimentos e pesquisa bibliográfica.

**Palavras-chave:** Formação de Público. Formação de Espectadores. Festival de Teatro.

**Abstract:** This article aims to reflect and report on FESTITA - Itabirito Theater Festival, having as starting points: studies on the training of cultural professionals and the training of spectators and public. The research was carried out by consulting the collection of the Integrated Arts Atelier through testimonials and a bibliographical research.

**Keywords:** Spectators Education. Audience Education. Theater Festival.

### **O começo**

Em mais uma manhã tediosa e com ar de chuva em Itabirito, cidade parte da Região dos Inconfidentes, localizada dentro de Minas Gerais, duas figuras femininas jovens e negras visitavam algumas escolas da rede estadual de ensino. Uma era alta e a outra muito baixinha. Elas estavam ali para divulgar uma novidade: O Atelier de Artes Integradas (escola pública de artes) terá um novo curso, um curso técnico! Um curso técnico em teatro! E melhor ainda: GRATUITO. Uma jovem de 14 anos ao ouvir a fala das duas figuras, sentiu algo brotar... decidiu impetuosamente se inscrever na roda de conversa que discorreria sobre o vestibular do curso. Ela foi e conheceu melhor as duas figuras que anteriormente ouviu apenas falar. As figuras se chamavam Bruna e Larissa, ambas eram estudantes da primeira turma do curso

---

<sup>1</sup> Licencianda em Teatro pela Escola de Belas Artes (EBA) da Universidade Federal de Minas Gerais. millenamuniz90@gmail.com

<sup>2</sup> Orientadora: gestora cultural, pesquisadora, professora, Mestre em Educação, Especialista em Planejamento e Gestão Cultural. Diretora da Inspire Gestão Cultural. Doutoranda em Artes da Cena – PPG Artes/UFMG.

<sup>3</sup> Coorientadora: atriz-produtora, pesquisadora e professora na Graduação de Teatro e no PPG Artes/UFMG. Atua nos campos de produção, gestão e políticas culturais, diversidade e atuação cênica.

técnico em Teatro do Atelier de Artes Integradas e veteranas dos cursos livres de teatro da escola. Empolgante! A jovem se inscreveu, passou na prova e extremamente desejosa iniciou sua trajetória no teatro. Foi uma paixão fulminante, arrebatadora, terrivelmente maravilhosa. Ali em Itabirito, pertinho de Belo Horizonte e de Ouro Preto, na terra do pastel de angu e do Telê Santana.

Essa jovem se chama Millena Muniz e, vivendo seus 23 anos, é quem escreve a vocês sobre a preciosidade de ter sua vida transformada pelo encontro com o teatro no Atelier de Artes Integradas. Hoje, ela está quase nos “finalmentes” da sua graduação na área de licenciatura em Teatro pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Integrante de um grupo de teatro chamado *Flor de Maio Teatro*, que se formou em 2015 no Atelier de Artes Integradas (Atelier), grupo que floresceu o interesse na produção e gestão cultural, realiza estágio não-obrigatório em Teatro através da Prefeitura Municipal de Itabirito no próprio Atelier, assim, tendo a oportunidade de se formar enquanto profissional da educação e da cultura com um tipo de qualidade ligada à sua própria vivência. Essa jovem sonhou muito um dia estar aqui, escrevendo seu trabalho de conclusão de curso (TCC). Afinal, sonhou este sonho com sua família de coração e de sangue, seus amigos e seus professores, sua equipe e demais coordenadores do Atelier.

O Atelier (Atelier de Artes Integradas) é uma escola de artes pública vinculada à Secretaria Municipal de Patrimônio Cultural e Turismo (SEMCULT) de Itabirito/MG, fundada no dia 31 de maio de 2006 com projeto idealizado e escrito por Abílio Abdo Lopes. Durante entrevista com a produtora cultural e professora de teatro: Oliveira (2020), Abílio nos conta que quando era secretário de cultura de Nova Lima chegou a conhecer Waldir Silva Salvador – conhecido como Juninho –, que veio a se tornar prefeito de Itabirito em 2005. Salvador (Juninho) convidou Abílio a reproduzir o projeto artístico-pedagógico de Nova Lima em Itabirito, porém Abílio nos revela que a necessidade cultural e orçamentária na nova cidade, exigiu mudanças e desafios nos rumos do projeto. Em Nova Lima o projeto tinha múltiplas escolas – uma de dança, uma de teatro, outra de artes visuais, etc. Já em Itabirito não faria sentido haver diversas escolas dessa forma e, assim sendo, foi-se criada uma única instituição que contemplaria diversos campos artísticos, batizada como: Atelier de Artes Integradas.

O projeto “tomou asas” e em 2022 completou 16 anos, ganhando e inaugurando sua própria sede em junho deste ano, com a presença de aproximadamente 300 pessoas. Com tanta história, houveram muitas lutas e desafios para que o Atelier permanecesse atuante,

foram 2 tentativas de fechamento da escola, por parte das gestões da Prefeitura Municipal de Itabirito, que foram combatidas pelos alunos e a comunidade local que defenderam com muita sabedoria essa política pública. A escola já passou por diversas mudanças, seja de cursos, gestões, alunos e espaços. Já passaram por aqui mais de 3300 alunos, sendo que 18 destes foram profissionalizados através do curso técnico em teatro que houve na escola do período de 2014 a 2016. A escola já produziu 62 espetáculos, 9 mostras de teatro e 6 festivais de teatro. Além disso, a grade do Atelier já contou com mais de 65 oficinas e *workshops* que contemplam a dança, as artes plásticas, o circo e o teatro. Hoje, o curso continuado que acontece por mais tempo na escola é o de Teatro. Passaram pela escola um total de 45 professores sendo que 4 deles são educadores de teatro concursados pela Prefeitura Municipal de Itabirito no Atelier, grande conquista para uma “escola informal de artes” e para os arte-educadores de Itabirito e região. Para atender cursos de outras áreas, a gestão da escola abre licitações para contratação de professores de dança, de voz e de artes visuais, entre outras formas de ser/viver arte.



**Figura 1:** Inauguração do Atelier de Artes Integradas. Fonte: Acervo Atelier de Artes Integradas (2022)

Neste artigo, irei me debruçar sobre um braço importante do Atelier: o FESTITA - Festival de Teatro de Itabirito, e sua relação na formação dos profissionais da cultura,

espectadores e público. Além de pensar sobre esses termos, irei, também, refletir sobre uma política cultural voltada ao FESTITA.

Utilizarei na escrita do presente artigo a primeira pessoa ao tratar da minha experiência, tendo como base as ideias de Macedo e Dimenstein (2009), psicólogos e doutores em Psicologia Social e Saúde Mental, respectivamente, que trazem como proposta a “escrita de si” como um caminho possível para a escrita acadêmica pois essa expressa marcas éticas, estéticas e políticas que envolve quem escreve e quem lê. Em outros momentos, escrevo na terceira pessoa quando a reflexão não é somente minha, mas é uma partilha dos pensamentos de autores que me embasam. O artigo se desenvolve a partir de pesquisa no acervo do Atelier: por depoimentos de profissionais e do público participante do Festival, por revisão bibliográfica e pela minha observação enquanto profissional aprendiz da educação e da cultura.

### **Sobre Festivais de Teatro**

Os Festivais, como diz Hernández (2000), doutora em artes e docente aposentada da UNICAMP, são efêmeros por natureza e correspondem a uma experiência intensa e imersiva. É nos festivais – aqui falo dos de teatro – que artistas, agentes culturais, gestores e público têm a oportunidade de trocar e criar novas conexões, aprimorando os modos de fazer e produzir arte no Brasil e fora dele. É onde se nasce rios de possibilidades. Onde novas teias de parcerias e conhecimentos têm a oportunidade de florescer. Para Marcelo Bones, gestor cultural, professor e pesquisador de teatro, estes

são espaços privilegiados de inovação e apresentação de vanguardas, investindo na capacitação artística, técnica e de gestão, contribuindo para a divulgação da imagem brasileira no exterior, além de impulsionar mercados de trabalho e economias locais, promovendo significativo impacto econômico na cadeia produtiva da cultura. (BONES, 2017)

É inegável o impacto econômico que festivais promovem onde nascem, além de fortalecer redes em suas localidades e fora delas. Só para a realização de um festival de teatro podemos citar o engajamento de profissionais como: técnicos de som, técnicos de iluminação, figurinistas, cenógrafos, produtores, entre outros. Envolve, também, setores de hotelaria, alimentação, turismo e de trabalhadores informais como: pipoqueiros, ambulantes, etc.

Ademais, há o valor profundamente social e humano. Segundo Lima, Stefan e Ruiz (2018), pesquisadores do Núcleo de Estudos em Economia Criativa e da Cultura (NECCULT), as artes da cena são muito associadas a criação de valores simbólicos e pela

interdisciplinaridade característica do teatro é possível abrir caminhos para a intensificação de uma experiência cultural, que já tem como cerne promover interações diretas entre as pessoas e os símbolos. Os festivais de teatro, ao reunir e difundir espetáculos e oficinas, potencializam e expandem esse efeito, cumprindo-se um papel social e cultural marcante através da formação de espectadores e de profissionais da cultura.

É pela realização dos festivais de teatro que ocorre a valorização da lembrança de importantes agentes e feitos culturais em determinado local, além de co-criar a construção coletiva da memória vivenciada naquele momento e perdurada como ancestralidade. É por meio da relação dos festivais com o público que começa a pairar um novo imaginário sobre a história da cidade e do próprio espectador.

Há, também, uma dimensão pública nos festivais que, segundo a pesquisadora, professora, crítica teatral e jornalista Mendes (2019), diz respeito a um espaço construído e ressignificado a todo instante por meio de movimentos que buscam interferir em um espaço comum. Ou seja, existe nos festivais um espaço para ouvir, criar e promover ideias, ações, narrativas e histórias que irão construir a dita esfera pública daquele território. Identifico “a esfera pública como a ‘esfera discursiva de uma cidade’, terreno das ‘ideologias, afetos, paixões e crenças, [...] conflitos, lutas e antagonismos’” (CVEJI; VUJANOVI, 2017 *apud* MENDES, 2019, p.102) e é justamente isso que um festival de artes vem provocar em um território, discussões sobre inúmeros temas, sejam esses atuais ou de preservação de memória. Compreende-se, a partir do que Mendes traz como proposta, que co-criamos na esfera pública o nosso futuro. Evidentemente, que ele será afetado por diversas forças e direções ao longo do tempo, pois faz parte do processo contínuo e ininterrupto de nossa experiência enquanto seres humanos.

## **O Festival de Teatro de Itabirito**



**Figura 2:** Tótem VI FESTITA na Praça da Estação. Fonte: Acervo Atelier de Artes Integradas (2022).

O Atelier realiza desde 2013 o FESTITA - Festival de Teatro de Itabirito, foram 6 edições que aconteceram respectivamente em 2013, 2014, 2016, 2018, 2021 e 2022, sendo a de 2021 uma edição virtual devido a covid-19. Além do Festival de Teatro, a escola já promoveu 2 edições do Festival de Teatro Infantil de Itabirito em 2013 e 2014, e em 2015 produziu um Festival de Artes que contemplava diversos campos artísticos. É importante dizer que há poucos registros dos festivais que aconteceram antes de 2021, foi possível encontrar quais artistas e grupos participaram, mas não foram encontrados relatos sobre quantidade de público, perfil, etc. e por esta razão houve a busca de depoimento oral sobre as últimas edições. Em breve entrevista com Verushka Lopes<sup>4</sup> (2022), funcionária mais antiga da equipe do Atelier, foi possível descobrir que as edições que aconteceram de 2013 a 2016 foram precárias nos investimentos e orçamento, o que levou artistas e grupos a trabalharem voluntariamente em parceria com o Atelier, recebendo apenas o transporte e a alimentação. Além disso, Lopes (2022) conta que na formação de público as escolas formais de ensino sempre foram convidadas a participar da programação, o que demonstra que o Festival vem desde 2013 interessado em criar estratégias para a formação de público no município.

A última edição, que é o objeto de estudo neste artigo, foi o VI FESTITA que aconteceu em setembro de 2022 e contou com o maior orçamento para o Festival de Teatro de Itabirito, até a data deste artigo, com valor total de R\$ 262.226,23. Aos mais desavisados, talvez este valor pareça muito, mas de fato, é um valor justo para um festival ainda pequeno e de valor simbólico e econômico para Itabirito. Segundo Lima, Stefan e Ruiz (2018) que em

---

<sup>4</sup> É química por formação, mas atua como técnica administrativa no Atelier de Artes Integradas desde 2014. A entrevista aconteceu via rede social, a partir de algumas perguntas.

pesquisa sobre Festivais de Teatro, relatam por análise que um evento deste tipo que atinge menos 30.000 participantes é considerado, ainda, pequeno, ou seja o FESTITA ainda não possui orçamento de um grande festival que atinge enormes cadeias de profissionais e abundante número de público, já sobre a importância do fomento e divisão dos custos eles nos apresentam que

A estrutura de custos dos festivais salienta cachês e atividades de logística como principais áreas de alocação de recursos, o que ressalta sua contribuição econômica para o próprio segmento, via remuneração dos artistas contratados, bem como para a economia local, mobilizando atividades de hotelaria, alimentação e transportes do território em que se realiza o festival. (LIMA, STEFAN e RUIZ, 2018, p. 37)

Esse investimento resultou no FESTITA um total de 4.043 pessoas (públicos) alcançados, 21 instituições educacionais formais e não formais, além de 2 oficinas e 20 espetáculos que aconteceram na Praça da Estação, no Atelier de Artes Integradas, no Parque Municipal da cidade e na sede do Coral Canarinhos de Itabirito. Fizeram parte da programação: 12 grupos de teatro, sendo apenas um deles de outro estado, 3 grupos de teatro locais (Cia Dona Maria Fulô, Flor de Maio Teatro e Grupo de Teatro São Gonçalo do Baçõ), além de 3 turmas do Atelier de Artes Integradas com 1 espetáculo e 2 mostras de processos criativos. Houve, também, 1 espetáculo cênico musical do Coral Canarinhos de Itabirito<sup>5</sup> em comemoração aos 49 anos desta instituição do terceiro setor que atualmente atende crianças e adolescentes com o ensino de música no município.

Os grupos de teatro participaram em grande parte da programação e isso se deve ao tema escolhido nesta edição: o Teatro de Grupo, com intenção de valorizar a memória do teatro feito por coletivos principalmente de Itabirito, mas também de Minas Gerais e pelo Brasil, como relatado por Felipe Cunha (2022)<sup>6</sup>, coordenador artístico e pedagógico do Atelier. Ter o Teatro de Grupo como tema é um ato de resistência em tempos de ataques à cultura, compartilharmos a possibilidade de trocar e se fortalecer enquanto coletivos de teatro é de valor imensurável. É significativo dizer, também, que a 6ª edição do Festival foi realizada após a flexibilização das recomendações de saúde para a covid-19, pois além dos festivais de teatro já terem como característica a valorização do encontro, a temática escolhida

---

<sup>5</sup> Para saber mais sobre o Coral Canarinhos Itabirito acesse: <http://canarinhosdeitabirito.org.br/>

<sup>6</sup> É artista, produtor cultural e professor de teatro e mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Ouro Preto. Atualmente é Coordenador Artístico e Pedagógico do Atelier de Artes Integradas, Gestor Cultural do Bonserá e Produtor Cultural do Bloco Urucum, em Itabirito/MG. A entrevista aconteceu via rede social, a partir de algumas perguntas.

para o VI FESTITA vem como contribuição para um novo olhar à coletividade, marcada pelos 2 anos e meio de impactos do isolamento social.



**Figura 3:** Apresentação do grupo Maria Cutia de Teatro no VI FESTITA. Fonte: Acervo Atelier de Artes Integradas (2022)

O processo de curadoria aconteceu inspirado no tema e pela frase: Salve o Teatro de Grupo! Foi motivado, também, pelos 25 anos do Grupo de Teatro São Gonçalo do Bação.<sup>7</sup> Felipe Cunha (2022) conta que o desenvolvimento da etapa de curadoria aconteceu com muitas cabeças, inclusive contou com a participação dos grupos de teatro locais. Não houve processo seletivo para participação da VI FESTITA, foram feitas apenas indicações diretas, o que possibilitou a criação coletiva de uma programação que por si só narrasse um desejo de todos os que participaram do processo de curadoria.

Toda programação manda um recado – ou deveria. Ela atende a um chamado ou canta uma dor, denúncia, profetiza. É preciso sair de trás da mesa, circular, transitar para além das zonas de conforto. E isso inclui o confronto. Estar atento e ter os sentidos acordados. Às vezes o ano é de ouvir, noutros, de chamar. Em algumas edições o festival celebra junto com os artistas. Em outras, mais fricciona e provoca, porque contrariar também é pedagógico, e necessário. Um festival não pode ser a televisão do lugar. Ele já não se conforma com a “casa cheia” (dxs mesmxs), mas, um tanto além, pensa onde estão todxs aquelxs que não vieram e o que fazer para seduzi-lxs. (BRASIL, 2017 p. 132)

---

<sup>7</sup> O grupo de Teatro mais antigo de Itabirito/MG, que tem como sede o distrito de São Gonçalo do Bação em Itabirito-MG. Seu objetivo é sensibilizar artisticamente crianças, jovens e idosos da comunidade. O grupo foi homenageado durante todo o Festival.

Como curador e um dos coordenadores desta etapa, Felipe Cunha (2022) relata que provocou alguns motores que impulsionavam as pessoas presentes na criação do projeto, afim de para reconhecer os desejos e anseios na construção da programação. O primeiro deles foi pensar em um intercâmbio de artista locais com grupos de outras cidades e estados, mas devido ao orçamento foi necessário centrar os olhares em grupos mineiros, o que faz com que a programação do VI FESTITA acontecesse com uma participação quase majoritariamente de coletivos mineiros, possibilitando-se a criação de novos relacionamentos entre grupos que até se conheciam, mas não haviam ainda se encontrado e fortalecido, principalmente, laços e parcerias de trabalho. Outros motores movimentaram as reflexões sobre a curadoria, como: a multiplicidade estética das obras, a diversidade de públicos alvos de cada peça e a diversidade identitária dos grupos de acordo com as temáticas dos espetáculos. Todos esses propulsores foram cruciais para uma programação plural que se propôs a promover o acesso de diferentes obras por diferentes tipos de públicos como: crianças, famílias, escolas, alunos de teatro, profissionais da cultura, etc.

### **Formação de Profissionais da Cultura**

No começo de todo o processo de pré-produção do VI FESTITA, mergulhei na experiência. Além do Felipe Cunha, que é coordenador artístico e pedagógico do Atelier, existem outros dois agentes culturais na gestão do Atelier e do Festival: Vinicius Alberto da Silva (coordenador administrativo do Atelier) e Clarisse Costa Marinho (Diretora da Extensão das Artes na Secretaria Municipal de Patrimônio Cultural e Turismo de Itabirito/MG). Os três me ouviram e me encorajaram a acompanhar todo o processo de gestão e de produção.

Atuei diretamente na gestão da produção executiva, no acompanhamento dos espetáculos e oficinas e na comunicação do Festival, desde a criação de estratégias à sua execução, tudo isso com supervisão dos meus coordenadores, esses me permitiram experimentar e criar. Na gestão aprendi muito sobre: pensamento estratégico para atingir objetivos e metas, coordenação de equipe, organização de etapas, as relações cruciais e específicas entre a comunicação e a cultura, e, também, o respeito no diálogo com parceiros essenciais para o alcance de metas.

Na produção executiva compreendi, na prática, sobre o perfil profissional de uma gestora/produtora de cultura. É necessário tranquilidade e habilidade na resolução de problemas e mediações de conflitos inesperados. Além de disponibilidade e abertura para equilibrar o planejado na planilha e a execução na realidade. Definitivamente saí dessa

experiência me conhecendo mais como profissional e reconhecendo que adquiri novas habilidades. Além da experiência como uma gestora/produtora em formação, posso afirmar que cresci muito enquanto artista e admiradora da cultura itabiricense.

Tendo em vista a valorização e a formação continuada em produção cultural, dos artistas da cidade, a gestão do Festival decidiu que toda produção executiva seria composta pelos grupos de teatro da cidade. O Grupo de Teatro São Gonçalo do Bação ficou encarregado de produzir o encerramento do Festival, em parceria com a equipe de produção executiva composta pela Cia Dona Maria Fulô e a Flor de Maio Teatro – que dividiram entre seus integrantes as diárias de trabalho dos outros dias do FESTITA. É importante dizer que os últimos dois coletivos foram constituídos dentro do Atelier de Artes Integradas por alunos da escola que hoje são profissionais da cultura. A equipe de ambos os coletivos produziram, acompanharam e conheceram os coletivos e espetáculos de Curitiba, Belo Horizonte, Ouro Preto e Guapé, o que promoveu intercâmbio de ideias, de estéticas e a criação de novas parcerias.

Além disso, a Cia Dona Maria Fulô e a Flor de Maio Teatro apresentaram espetáculos e intervenções no FESTITA, movimentando-se ainda mais o trabalho e a sensação de pertencimento dos grupos com o Festival e com a cidade. Sobre isso, o artista Hudson Muniz (2022), integrante da Cia Dona Maria Fulô, revela que a percepção do seu trabalho, ideias e opiniões como parte integrante do Festival se deu, principalmente, por identificar que os gestores o reconheceram como artista e agente cultural de Itabirito. Muniz (2022) diz que por muitas vezes trabalhou gratuitamente em diversos eventos culturais e que o fato de ter recebido pelo seu trabalho e por ter ocupado as funções de artista e produtor executivo do FESTITA o fez, de fato, se perceber enquanto um profissional da cultura. Além disso, ele nos revela que observou que a equipe do Atelier e da Secretaria Municipal de Patrimônio Cultural e Turismo (SEMCULT) era muito aberta, horizontal, com escuta e flexibilidade às diversas demandas, questões, críticas e sugestões de todos os profissionais envolvidos.

A minha percepção na experiência do Festival é semelhante à do ator Hudson Muniz, pois já passei por outros espaços profissionais em que características como a escuta e a não hierarquia não eram tão naturais e orgânicas. Para refletirmos sobre esses profissionais considero que os gestores do Atelier possuem formação no campo cultural, onde é perceptível que a sensibilidade é um componente crucial na formação do perfil dos profissionais da cultura, o que estimula a percepção de Muniz e a minha. A pesquisadora e gestora cultural Maria Helena Cunha, sobre esse tema, menciona que

podemos entender como processo formativo do gestor cultural a necessidade de trabalhar sob dois aspectos complementares: em um primeiro aspecto se desenvolve a capacitação profissional e técnica para garantir a aplicabilidade de políticas culturais que exijam uma complexidade maior de competências estratégicas e também executivas e, simultaneamente, o desenvolvimento de um processo contínuo de sensibilização para a compreensão do universo da cultura e da arte. Essa formação é que diferencia o gestor como profissional da cultura e contribui para a construção de seu perfil. (CUNHA, 2011, p.99)

A sensibilidade e a expertise técnica e profissional na formação de gestores e produtores culturais do FESTITA aconteceu na prática, quase em um processo laboratorial, com orientação de gestores culturais capacitados e interessados em aproximar o Festival à nova geração de artistas e produtores culturais da cidade.

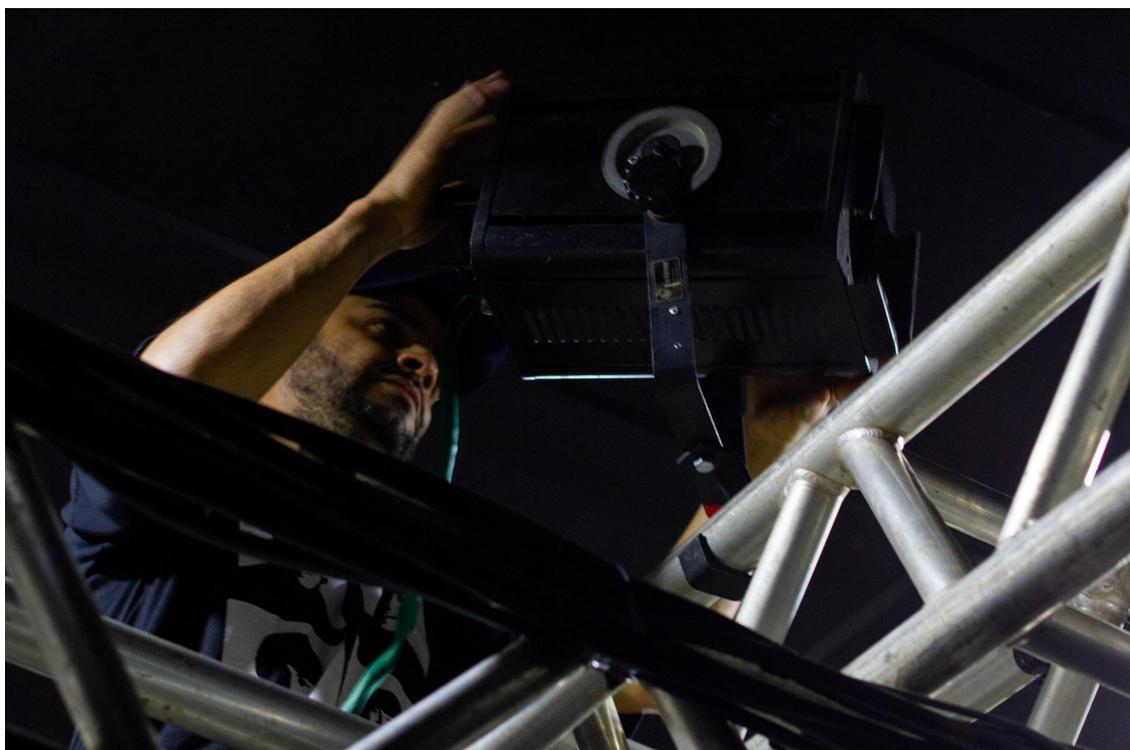
Hudson Muniz<sup>8</sup> (2022) conta, também, que o formato do trabalho foi importante em sua formação, ele trabalhou em dupla na produção executiva do Festival o que promoveu o diálogo com seus pares sobre a experiência, acompanhou a produção dos grupos de teatro participantes e analisou todo processo de gestão e produção do Festival que, segundo ele, foi por si só um processo importante para desbravar as maneiras de se fazer produção e gestão cultural. Muniz (2022) se percebeu protagonista da sua formação enquanto profissional da cultura. Tudo isso em parceria com toda equipe do FESTITA, sem hierarquia entre técnicos, grupos de teatro, coordenadores, etc. Tendo em vista o protagonismo relatado pelo entrevistado, é possível perceber relações entre a Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire (PENA, 2021) com a formação de profissionais da cultura no VI FESTITA.

Talvez tamanho processo formativo não tenha sido, totalment, intencional por parte dos coordenadores, mas consigo refletir sobre as relações entre a ideologia Freireana e o que aconteceu no relato de Muniz. Pena (2021) cita Freire em: “*ensinar não é transmitir conhecimento.*” (FREIRE, 1996 *apud* PENA, 2021, p.3) e é a partir desse conceito que iremos refletir sobre esta temática. Primeiramente temos que compreender que na perspectiva da pedagogia da autonomia o educando é um indivíduo e não o sujeito do conhecimento técnico ou do autoritarismo. Mas, é um indivíduo com história, contexto e em constante processo de aprendizagem, logo, aberto ao questionamento e pensamento crítico e é isso que o/nos humaniza. A desumanização ocorre quando cedemos ao conhecimento absoluto nos adaptando a ele sem questionamento, e quando cedemos ao autoritarismo. O que aconteceu aqui tem de fato um teor humanizante. O fato de Muniz perceber a equipe como aberta e “horizontal” já demonstra que aquele é um ambiente de trabalho em que existe autoridade,

---

<sup>8</sup> É artista da cena, formou-se como ator e intérprete/coreógrafo em Expressão Corporal. Em Itabirito, trabalha com a Cia. Teatral Dona Maria Fulô desde sua criação, em 2008. A entrevista aconteceu via rede social, a partir de algumas perguntas.

mas não autoritarismo. Além disso, ele se sentiu reconhecido e valorizado e junto a equipe conseguiu encontrar os melhores rumos para aprender na prática o que é atuar na produção de um festival. Torna-se evidente que um profissional da cultura se diferencia de demais profissionais imersos na lógica mercadológica. Acredito que esse ambiente só foi possível porque, aqui, os coordenadores e equipe em questão não tem como valor o autoritarismo, a meritocracia e a defesa de uma única verdade no fazer da produção e sim um profundo interesse em conduzir a experiência de aprendizado mútuo, o que potencializou as habilidades de todos os profissionais envolvidos.



**Figura 4:** Técnico do VI FESTITA na montagem de luz do espetáculo “À Sombra da Goiabeira do Teatro Negro e Atitude”. Fonte: Acervo Atelier de Artes Integradas (2022).

Foi entrevistada, também, uma atual aluna do Atelier de Artes Integradas de 14 anos. Ela é uma adolescente que participou ativamente da programação do FESTITA. Ana Mota<sup>9</sup> (2022) me relata como surgiu uma vontade imensa de descobrir cada vez mais “o envolvimento cultural de artista e público”. Ela se interessou e se provocou a questionar o que acontece entre o artista e a plateia e por conta própria percebeu novas facetas possíveis sobre ser atriz. Mota faz parte da turma de montagem no Atelier, sob a minha orientação e do professor Chicó, e foi nítida a percepção que tivemos de Mota nos ensaios pós FESTITA. A

---

<sup>9</sup> É estudante de teatro no Atelier de Artes Integradas desde os seus 7 anos de idade. Hoje, com 14 anos, continua seus estudos na escola. A entrevista aconteceu via rede social, a partir de algumas perguntas.

estudante estava tranquila em cena, olhando nos olhos da plateia, triangulando, se movimentando em cena com mais propriedade e confiança. Ela conta que participou de apenas uma oficina, mas que assistir aos espetáculos já foi um grande processo formativo, precisamente em razão da oportunidade de ampliar seu repertório em diversas estéticas teatrais apresentadas no Festival. A ampliação de repertório é fundamental na formação de qualquer artista, pois é dessa maneira que novos horizontes são explorados e degustados, o que cria na memória visual, corporal e sensorial referências para saborear com riqueza simbólica a deliciosa ousadia de se fazer arte.

### **Formação de Público e Formação de Espectador**

Para iniciarmos uma reflexão sobre o VI FESTITA e o Atelier de Artes na formação de espectadores e público, é importante apresentar as diferenças entre ambos conceitos, afinal as duas visões contribuem na percepção das ações desenvolvidas pelo Atelier no Festival de Teatro de Itabirito, ou do que elas podem vir a se tornar. Moraes (2017), professora de teatro, pesquisadora, artista cênica e produtora cultural, apresenta que a ideia de público está conectada à uma perspectiva genérica das pessoas, já a de espectador leva em consideração a individualidade e a reflexão crítica de cada um. Ela diz que enquanto os projetos de formação de público estão interessados em democratizar o acesso das pessoas aos espaços culturais e criar no público o hábito e o desejo de ir ao teatro, os projetos de formação de espectadores estão dedicados à vivência estética dos indivíduos em diálogo com as obras, ou seja, interessado no acesso linguístico do espectador ao teatro.

O FESTITA foi realizado em sua VI edição com estratégias para a formação de público, afinal foram 12 escolas de ensino formal atendidas, entre elas municipais, estaduais e de ensino privado e 1 faculdade, além de 6 instituições/projetos sociais de educação informal que atendem jovens, crianças e idosos como: Mina Bloco, Fanpaz, Escoteiros Sagobá, Centro Cultural Alumia, Coral Novo Tom e o Grupo de Teatro São Gonçalo do Bação. Foi recebido, também, a APAE, a Casa Lar e o CRAS da cidade de Rio Doce/MG.

O transporte para escolas municipais foi fornecido pela Prefeitura Municipal de Itabirito e a programação durante a semana foi pensada em horário propício para atender as escolas. Além disso, toda programação foi gratuita. Não houve intenção de um projeto de formação de espectadores por parte do Festival. Porém aconteceu de forma espontânea por arte-educadores do Atelier e por professores e monitores das instituições/projetos sociais que

assistiram aos espetáculos com seus alunos tentativas pedagógicas de dialogar sobre a experiência do FESTITA.

A professora Gabriela Cristina Silva Vaz<sup>10</sup> (2022) que ministra aulas no 2º ano do ensino fundamental na Escola Municipal Professor Tibúrcio narra: “Na minha turma eu conversei com eles sobre o teatro, o que acharam, pedi pra fazer o registro por meio de desenho e depois fizemos uma produção de texto coletiva.” Para além de acessar e assistir ao espetáculo, a professora criou a oportunidade de refletir com os estudantes, de forma mediada, sobre suas experiências individuais enquanto espectadores. Esta turma assistiu ao espetáculo “Operação Romeu + Julieta”, espetáculo de bonecos da Casa Volante, grupo de Guapé/MG.



**Figura 5:** Espetáculo “Operação Romeu + Julieta” do Grupo Casa Volante no VI FESTITA. Fonte: Acervo Atelier de Artes Integradas (2022).

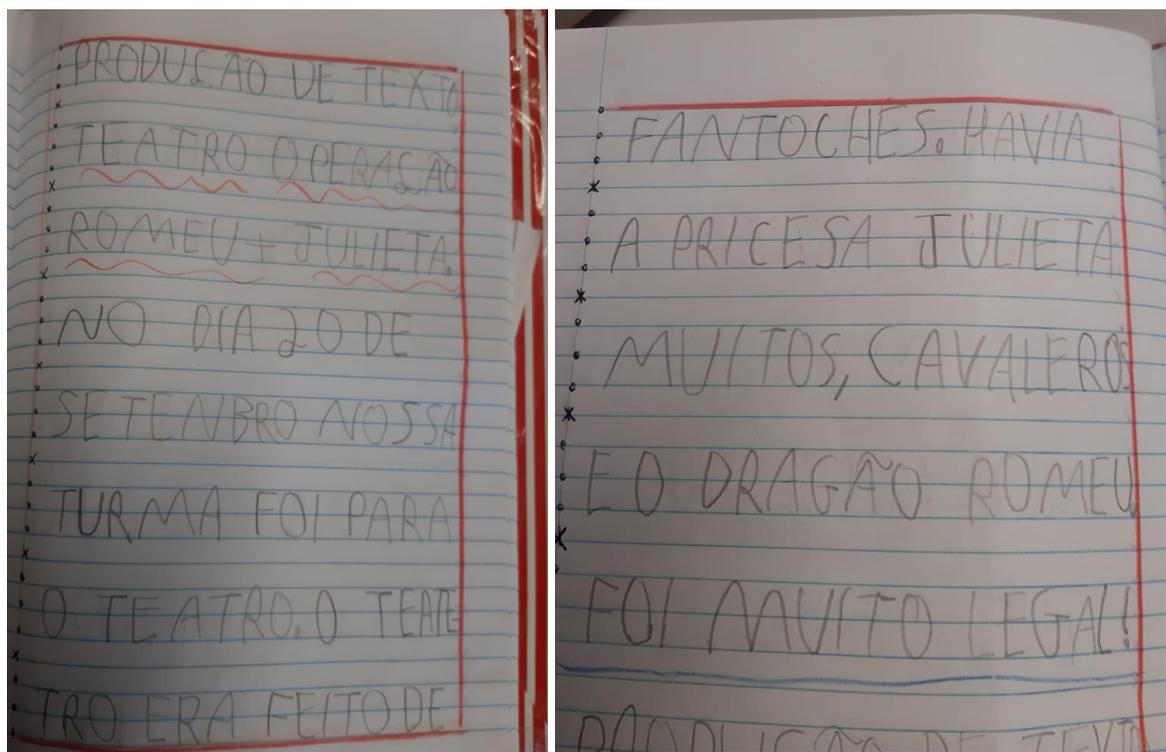
A ação pedagógica se relaciona às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o ensino de artes no ensino fundamental do 1º ao 5º ano que propõe ações como: “EF15AR18: Reconhecer e apreciar formas distintas de manifestações do teatro presentes em diferentes contextos, aprendendo a ver e a ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.” (BRASIL, 2018, p.202).

---

<sup>10</sup> É graduada em pedagogia pela FAE - UEMG e pós-graduada em alfabetização e letramento, atua desde 2013 como professora. A entrevista aconteceu via rede social, a partir de algumas perguntas.



**Figura 6:** Registro da criação de um dos alunos 2º ano do ensino fundamental na Escola Estadual Francisco Tibúrcio de Oliveira. Fonte: Fotografia de Gabriela Cristina Silva Vaz (2022).



Fonte: Fotografia de Gabriela Cristina Silva Vaz (2022).

Entre essa e outras diretrizes na BNCC (Base Nacional Comum Curricular), é possível perceber um caminho (talvez) possível para formar públicos e espectadores dentro e fora das escolas formais de ensino. Além do que, a arte na educação básica não existe ali para formar artistas, mas para sensibilizar crianças, jovens e adultos para experiência com arte.

Já o professor de teatro do Atelier de Artes Integradas Dhu Rocha<sup>11</sup> (2022), relata que em todas suas aulas pós Festival sentou em roda com seus alunos e perguntou quais espetáculos eles haviam assistido. Ele citou que um de seus alunos disse que achou tudo “diferente”, ele explica:

Um dos alunos usou este termo diferente, ele assistiu ao espetáculo “O quadro de Todos Juntos”, do Grupo Pigmalião Escultura que Mexe, e ficou impressionado em como os bonecos, cenografia e a caracterização deixavam tudo real, quase assustador. Outros alunos citaram o espetáculo “Griô”, da Cia 2x2, falaram da temática da obra, e de como era importante escutar histórias pretas sendo narradas por pessoas pretas, na cena teatral para crianças! Outro relato marcante, foi sobre o espetáculo “Auto da Compadecida”, do Grupo Maria Cutia de Teatro, eles falaram do manto da Nossa Senhora ter se transformado em outra coisa. A transformação de objetos de cena que alimentam o universo ficcional daquele contexto de peça.” (ROCHA, 2022)

Com a fala do professor, é possível associar que por meio de uma curadoria que prezou pela diversidade de ideias e estéticas, com uma vasta apreciação teatral por parte dos alunos, foi viável trabalhar pedagogicamente na formação destes alunos enquanto público de teatro e enquanto artistas em formação. Afinal, em um momento assistiam um espetáculo infantil, em outro teatro de bonecos, em outro teatro de rua, etc. É possível afirmar que há no Festival um caráter pedagógico e formativo que, mesmo sem intenção, cumpre com as orientações realizadas na escola formal.

Para realizar essa pesquisa entrei em contato com diversos professores e monitores de outras escolas e instituições e me foi relatado, por alguns, que eles não tiveram a oportunidade de realizar nenhuma ação pedagógica, já outros sequer me deram retorno. Pensando nisso, questionei e me debrucei em outros atores sobre o papel do teatro na formação de espectadores e de público enquanto experiência estética. O teatro por si só é formativo? A oportunidade de ter a sua experiência como espectador mediada por um educador é muito boa, mas é possível haver construção de saber sem mediação? Afinal, se aqui estamos entendendo o estudante, o espectador e a professora como autônomos e indivíduos em constante relação com o formar (-se), não podemos limitar a formação ao papel dos educadores. Este é um tema importante e atual para o FESTITA e para a reflexão sobre a formação em arte, e seria necessário maior aprofundamento e pesquisa que não cabem em um artigo de poucas páginas, por esta razão a reflexão será breve, mas não poderia deixar de mencioná-la.

---

<sup>11</sup> É Mestre em Artes Cênicas, Especialista em História e Cultura Afro-Brasileira, Bacharel em Direção Teatral e Licenciado em Artes Cênicas. Professor de teatro do Atelier de Artes Integradas, dedica-se também à palhaçaria, à escrita dramaturgica e, desde 2016, dirige a companhia Ajayô Teatro Em Pé. A entrevista aconteceu via rede social, a partir de algumas perguntas.

Sobre isso, o pesquisador e professor de Artes Cênicas da UDESC: Desgranges (2004) ao desbravar a formação de espectadores, apresenta a pesquisa do educador francês Philippe Meirieu (1993) que em 1992 analisou os impactos em crianças que frequentavam salas de teatro, cinema e outras formas artísticas de se conhecer narrativas, dentro de uma comunidade periférica da cidade de Lyon. Ele conclui, em suas entrevistas, que crianças que tinham acesso linguístico as artes da narrativa possuíam habilidades de reconhecer as próprias histórias, criar discursos narrativos e, quem sabe, fabricar as narrativas de suas próprias vidas; enquanto as que não tinham esse acesso dispunham de dificuldades ao se referir às suas próprias histórias de vida, tanto no passado, quanto no passado recente e no futuro que elas almejam para si. “A falta de condições para compreender o passado indica a dificuldade de situar-se no presente e de projetar-se no futuro”. (DESGRANGES, 2004, p.4). Ou seja, somente compreendendo o passado construiremos no presente o futuro que almejamos. Talvez esse seja um dos caminhos para compreendermos a formação de espectadores em teatro sem a figura de um educador. Afinal, pela conclusão de Desgranges e Meirieu, as artes da narrativa acendem o desejo de uma percepção crítica sobre a vida, se apropriar dessa linguagem tem por fim ganhar ferramentas para ler a si mesmo e ao mundo. Sobre as relações entre a formação do espectador e o teatro o autor nos apresenta outro ponto:

Na tentativa de compreender a atitude proposta ao espectador teatral enquanto experiência educacional, podemos recorrer ao enfoque sutil presente na alegoria benjaminiana [...], que sugere que o ouvinte de uma história – ao ouvi-la, compreendê-la em seus detalhes e empreender uma atitude interpretativa – choca os ovos da própria experiência, fazendo nascer deles o pensamento crítico. (BENJAMIN, 1993 *apud* DESGRANGES, 2004, p. 7)

É a partir da própria vivência e repertório do espectador que é possível "chocar os ovos da própria experiência". Fazer nascer em si um novo olhar perante a sua própria história. Mas esse é um assunto a ser aprofundado em outros estudos e reflexões. O FESTITA, certamente, oferece uma curadoria diversa de estéticas teatrais, que possibilita o acesso e a formação dos espectadores em Itabirito/MG de diversas formas.

Sobre o acesso, o VI Festival de Teatro de Itabirito teve 23 atrações gratuitas, em sua maioria, em localizações centrais da cidade. O número de atrações com certeza é um fator importante para a formação de público, isso porque, como diz Moraes (2017):

No atual sistema capitalista, consumista, neoliberal, quando a demanda por um produto é maior que sua oferta, o preço sobe. Por outro lado, quando o suprimento de certo produto excede a demanda, seu preço cai. Acontece que a arte não é mercadoria, embora seja tratada como tal. E por isso, a lógica da formação de público e espectadores é inversa: quanto menor a oferta, menor a procura. As pessoas gostam do que conhecem e procuram o que gostam. Sem oferta frequente,

acessível, e ações que fomentem o desejo pelo teatro, não haverá público frequentador e fruitor. Por outro lado, quanto maior for a oferta, maior será a procura. Ou seja, quanto mais experiências sensíveis pelo teatro, mais os sujeitos o desejarão. (MORAES, 2017, p. 121)

Quanto maior a oferta, maior a garantia de que, de fato, estamos construindo a formação de público em um território. É necessário demarcar a importância de políticas públicas contínuas que contribuam com a realização desse Festival e que criem mecanismos que garantam sua execução com orçamentos cada vez melhores, além de políticas culturais direcionadas ao incentivo de produção e divulgação de obras e eventos culturais. Investir em arte é investir no papel essencial que a mesma exerce na formação humana e cidadã, assim como é sinônimo de uma economia criativa sustentável para a cidade. Pensar e agir hoje nas políticas culturais, é criar nosso futuro.

### **Sobre construir hoje o futuro que queremos**

É possível concluir que há necessidade de mais pesquisas e reflexões sobre o que tange a formação de público, espectadores e profissionais de cultura nos festivais de teatro pelo Brasil, e em especial, pelo FESTITA. Afinal, o Festival tem e pode ter um papel crucial nos impactos econômicos, educacionais, culturais e sociais da cidade. Lima, Stefan e Ruiz (2018) indicam nas Diretrizes para Elaboração de Políticas Públicas para Festivais de Teatro que a Produção de Informação é crucial para o progresso dos festivais, afinal dados relacionados a: “orçamento, gastos por atividade, quantidade de pessoas envolvidas na produção e público” (LIMA, STEFAN e RUIZ, 2018, p. 105) podem ser utilizadas como mecanismo de avaliação do próprio Festival e para trocas de conhecimento e desenvolvimento de possíveis estratégias para a gestão e criação de políticas públicas.

Com base nos resultados dessa pesquisa, é possível sugerir que exista um mecanismo para organização e registro dos futuros dados que se relacionam ao perfil de público do FESTITA que auxiliem o pensamento estratégico para formação de público, espectadores e de profissionais da cultura. Em seus 6 anos de história teve apenas em sua última edição uma pequena estrutura de registro relacionados a: nome, e-mail e quantidade de pessoas atendidas. É crucial a necessidade de dados para progredirmos no desenvolvimento de investimentos no setor cultural Itabiritense.

O investimento em cultura está diretamente associado à valorização da memória para construirmos um futuro com diversidade cultural, cidadania e uma economia criativa forte. A ideia do setor cultural associada ao desenvolvimento de uma cidade, ou seja, ao futuro, não é

nova e há muitos exemplos de como esse setor, no centro das políticas culturais, produz resultados importantes para o crescimento econômico e cultural de uma cidade.

Há vários exemplos citados por Agentes e Pesquisadores da Cultura (2008) em uma das Revistas do Observatório Itaú Cultural sobre a aplicação da Agenda 21 da Cultura<sup>12</sup> e sua relação com o desenvolvimento de cidades. Cito aqui, o exemplo de Toronto no Canadá.

A expressão “a cultura é o futuro das cidades”, usada pela administração pública de Toronto, surpreendentemente não é uma citação do Plano de Cultura da cidade, mas, sim, uma declaração de intenções da Agenda de Desenvolvimento Econômico de Toronto. (AGENTES E PESQUISADORES DE CULTURA, 2008, p. 18)

Ter a cultura como eixo para o desenvolvimento é um caminho sustentável e potente para o futuro de uma cidade, para além de ter uma gestão pública municipal que considera a potência desse setor, abrindo-se as portas para o futuro. Em Itabirito, podemos concluir que há investimento, afinal são 2,33% por cento do valor total do orçamento da cidade, o que corresponde a R\$ 14.318.900,00 (neste ano de 2022) direcionado ao setor cultural. Além de já possuir estratégias relevantes para a formação de público e de profissionais da cultura para o teatro, por meio do Atelier de Artes Integradas que realiza um trabalho contínuo de arte-educação para a população Itabiricense e pelo Festival de Teatro de Itabirito promovido pela mesma escola e pela diretoria de extensão das artes, da Secretaria Municipal de Patrimônio Cultural e Turismo (SEMCULT) que já cumpre papel formativo e consequentemente uma movimentação econômica na cidade. Além disso, estão em reforma no momento três outros espaços culturais da cidade que abrem portas para novas ideias e projetos. São eles: Casa de Cultura Maestro Dunga, Cineteatro Liz Bastos e o Espaço Cultural Padre Xavier. Há muitas possibilidades sendo construídas hoje, simbolicamente e materialmente, na cidade de Itabirito que me levam a sonhar com uma cidade referência em teatro, arte-educação e políticas públicas culturais.

---

<sup>12</sup> Documento importante para pensarmos políticas públicas locais. O documento original da Agenda 21 da cultura (2004) disponível em:  
[https://www.agenda21culture.net/sites/default/files/files/documents/multi/c21\\_2015web\\_pt.pdf](https://www.agenda21culture.net/sites/default/files/files/documents/multi/c21_2015web_pt.pdf)



**Figura 7:** Cordel “O romance da Cabra Cachaceira de Fernando Limoeiro” apresentado no VI FESTITA por estudantes do Atelier. Fonte: Acervo do Atelier (2022).

### Referências Bibliográficas

BONES, Marcelo. Por uma política pública para os festivais de teatro. **O Tempo**, [S. l.], p. 14-14, 8 abr. 2017

BRASIL, Galiana. Formação de públicos: A experiência com o Festival Palco Giratório. **Subtexto: Revista de Teatro do Galpão Cine Horto**, [s. l.], ed. 13, p. 126-143, setembro 2017. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1vJH\\_4qYkWyqsxOJZeaJcscUH8PFDaG62/view](https://drive.google.com/file/d/1vJH_4qYkWyqsxOJZeaJcscUH8PFDaG62/view). Acesso em: 4 out. 2022

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CUNHA, Maria Helena. Formação do profissional de cultura: desafios e perspectivas. **Políticas Culturais em Revista**, [s. l.], p. 95-105, 2011. DOI <https://doi.org/10.9771/1983-3717pcr.v4i1>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/5314>. Acesso em: 25 set. 2022.

DESGRANGES, Flávio. **Quando Teatro e Educação Ocupam o Mesmo Lugar no Espaço** (artigo eletrônico). Site da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, v. 1, p. 1-6, 2004. Acesso em: 02 nov. 2022.

HERNÁNDEZ, Márcia Maria Strazzacappa. A importância dos festivais na formação do artista. **Revista On-line da Biblioteca Prof. Joel Martins**, [s. l.], v. 2, 8 jan. 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/573>. Acesso em: 27 set. 2022.

LIMA, Luciana Leite; STEFFEN, Mariana Willmersdorf; RUIZ, Karina Pietro Biasi. Diagnóstico do segmento de Festivais de Teatro. **REVISTA BRASILEIRA DE ECONOMIA CRIATIVA E DA CULTURA**, [s. l.], p. 23-84, 2018. Disponível em: [https://docs.wixstatic.com/ugd/fcef68\\_541e0ac6a66a4f49b01720776e083f5f.pdf](https://docs.wixstatic.com/ugd/fcef68_541e0ac6a66a4f49b01720776e083f5f.pdf). Acesso em: 27 out. 2022.

MACEDO, João Paulo; DIMENSTEIN, Magda. Escrita acadêmica e escrita de si: experienciando desvios. **Mental**, v. 7, n. 12, p. 153-166, 2009.

MENDES, Júlia Guimarães. O que pode um festival? **Subtexto: Revista de Teatro do Galpão Cine Horto**, [s. l.], n. 14, p. 98-119, Dezembro 2019.

MORAES, Martha Lemos de. Formação de público e formação de espectadores: duas dimensões necessárias e complementares para a recepção teatral. **Subtexto: Revista de Teatro do Galpão Cine Horto**, [s. l.], n. 13, p. 110-125, Setembro 2017. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1vJH\\_4qYkWyqsxOJZeaJcscUH8PFDAg62/view](https://drive.google.com/file/d/1vJH_4qYkWyqsxOJZeaJcscUH8PFDAg62/view). Acesso em: 4 out. 2022.

OLIVEIRA, Júlia de Castro. **ATELIER DE ARTES INTEGRADAS: a construção de uma Pedagogia do Teatro na cidade de Itabirito**. Orientador: Prof. Dr. Ricardo Carvalho de Figueiredo. 2020. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Teatro) - Universidade Federal de Minas Gerais, [S. l.], 2020.

PESQUISADORES E GESTORES CULTURAIS. A cultura pela cidade - Uma nova getão cultural da cidade. **Revista Observatório Itaú Cultural**, São Paulo, n. 5, abri./jun. 2008.

PENA, Ana Paula da Silva. A FORMAÇÃO DE ARTISTAS POR MEIO DA PRODUÇÃO DE FESTIVAIS DE TEATRO NO INTERIOR DE MINAS GERAIS. XVIII ENECULT, [s. l.], agosto 2022.